

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

CANCIONEIRO POPULAR DO BAI- XO-ALEMTEJO

ORGANISADO POR

DIAS NUNES

(Continuação)

DCLXXX

Moçina que é tão experta,
Ha-de saber explicar...
Diga-me lá, em cantigas,
Quantos peixes tem o mar?

DCLXXXVI

Tu ajudas-me a cantar
Assim de certa maneira...
Eu, com essa tua falla,
'Levo a voz aonde queira.

DCLXXXVII

Tens um lenço na cabeça,
Que te ajuda a ser bonita,
Com 'ma cercadura á roda
Da largura d'uma fita.

DCLXXXVIII

Tenho olhos e não vejo,
Tenho bocca e não fallo,
Tenho ouvidos e não oiço...
Por minha honra me calo.

DCLXXXIX

Cada vez que eu vejo vir
Gaivotas á beira-mar,
Lembra-me que são continhas
Que meu bem me quer mandar.

DCLXL

Cada vez que eu vejo vir
Um homem alto e bem posto
Olho para elle e digo:
—E's um amor de meu gôsto.

DCLXLI

Cada vez que eu oiço
Os sinos da Sé,
Lembra-me meu bem
Que foi, já não é.

DCLXLII

Cada vez que eu oiço
Os sinos tocar,
Lembra-me meu bem,

Ponho-me a chorar.

DCLXLIII

Julgo eu por minha idéa,
Julgo eu que assim será:
De nada serve o querer bem
Se liberdade não ha.

DCLXLIV

Já me não namoram fitas,
Nem amarellas nem verdes.
Namoram-me esses teus olhos,
Que me estou revendo n'elles.

DCLXLV

Jesuino, meu doce amor,
Meu prazer, minha ventura;
Jurei de te amar constante,
Firme, até á sepulcral

DCLXLVI

Por Antonio morro eu,
Por Francisco me sepulto;
Por Manuel é que eu visto
O meu coração do luto.

DCLXLVII

Papagaio penna verde,
Empresta-me o teu vestido.
O teu vestido é de pennas...
Pennas trago eu commigo!

DCLXLVIII

Porque não me deves nada,
A' tua gente não temo...
Nem affectos, nem carinhos,
Obrigações inda menos.

DCLXLIX

Fui dispôr couves na serra,
Que longe me fica a horta.
Desejava de saber,
Minha vida que te importa?

DCC

Fui ao mar pescar peixinhos,
Não pesquei senão arcaia.
Não basta um homem ser pobre,
Senão ter a mulher feia.

DCCI

Fui ao mar pescar peixinhos,
Pesquei uma Margarida,
Margarida da minh'alma
Que andavas no mar perdida!

DCCII

Desde o principio do mundo

Muita gente tem morrido;
Nem na terra fazem falta,
Nem o ceu se tem enchido.

DCCIII

Dizem que a serra *que é serra...*
A serra tambem dá pão!
Na serra tambem se criam
Meninas d'estimação.

DCCIV

Disse Maria a Marianna:—
—Eu não gosto de fulano.—
Eu tambem não gosto d'ella.
Em pouco vae o enganar.

DCCV

De noite tudo são sombras!
Eu por ellas hei-de andar,
Já que de dia não posso
Teus carinhos alcançar.

(Continúa)



LENDAS

Quereis que vos conte a lenda da pulga, este insecto minusculo e espirituoso, especie de ponto vivo?

O salto da pulga é tão prodigioso, como admiravel o seu vigor. Um homem que saltasse na mesma proporção pularia de pés juntos por cima do Pantheon de Paris e iria à avenida dos Campos Elyseos em tres ou quatro saltos. Em vinte minutos, quando muito, faria toda a volta de Paris. A pulga parece que tem azas. Quando julgamos pegal-a, ella nos escapa da maneira mais pittoresca e ladina.

Aqui vae a sua lenda, que ainda se conta nos campos de Volay:

Um dia o bom Deus passeiava com S. Pedro, pelas gargantas do Loerá, entre Chamelhères e Volay.

Em caminho discreteavam sobre o governo do mundo e as difficuldades de bem dirigir-o.

De subito, na volta do rio, S. Pedro mostra ao Senhor uma mulher soberta de andrajos, deitada na areia

ao sol, moça ainda, mas revelando o tedio mais profundo nos traços da physionomia.

Deus, que tudo adivinha, percebe logo que esta mulher se enoja da sua propria ociosidade, e, como elle é soberanamente bom, sacca do bolso um puñado de pulgas, que atira sobre a pobre mulher, dizendo-lhe:

«A ociosidade é mãe de todos os vicios; ahí vae uma occupação».

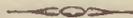
Desde esse dia as mulheres teem pulgas, e quando não ha outra cousa a fazer divertem-se a catal-as.

D'OFigaro.



PORTUGUEZ VELHO

Origem de varias locuções, adagios e annexos.



El-rei D. Diniz fez tudo quanto quiz. Quem dinheiro tiver fará o que quizer. Exvollo vai exvollo vem de Lisboa para Santarem

As cartas de Foral foram redigidas emquanto a realza precisou defender-se contra os barões; desde que ella se tornou independente, atacou as garantias foraleiras, primeiramente pelo renascimento do direito romano, applicado nos tribunaes e glossado nas Universidades, depois pela formação de um codigo geral, em que, sob a mesma auctoridade, se unificaram os direitos locais. Até D. Afonso III é que se redigiram as Cartas de Foral; e a sua omissão completa no reinado de D. Diniz, coincidindo com a formação dos nobiliarios, ou da *nobreza por fóro d'el rei*, com a applicação das leis romanas nos tribunaes, e com

o ensino erudito do direito romano na Universidade de Coimbra, revela-nos que a monarchia entrava no seu periodo de independencia absoluta.

O grito *A'qui d'el-rei* que o povo ainda profere nas afflicções, corresponde à preponderancia do foro real e da sua justiça sobre a vindicta popular e a justiça privada.

A constituição politica de Portugal entrou em bases novas, em que o direito se tornou um regalismo, isto é, as *garantias* foram substituidas pelas *regalias*; esta profundo alteração, implicita inconscientemente nos documentos, acha-se na voz do povo, nos versos conservados por Duarte Nunes de Leão:

El-rei Dom Diniz
Fez tudo quanto quiz,
Porque quem dinheiro tiver
Farà tudo o que quizer, (1)

(1) E tambem n'estes, que ainda se encontram na tradição popular do Alemtejo (concelho d'Elvas):

Dizia Dom Diniz
Serpa e Moura fiz,
E mais fizera se quizera:
Porque quem dinheiro tiver
Farà o que quizer.

No romance da *Rainha Santa*, da tradição da Madeira, vem o verso referente a D. Diniz: *E elle fez quanto quiz.* (*Romanceiro do Archipelago da Modeira*, p. 29). E na *Arte de furtar*, (p. 342) lê-se: Então manda el-rei D. Diniz o que fez quanto quiz...

Em D. Pedro I pôde vêr-se até onde foi levado o arbitrio da auctoridade real, apesar dos mais sinceros intuitos de justiça: o facto d'essa auctoridade irresponsavel leva á allucinação e á immoralidade, como se vê nos imperadores romanos e nos autocratas da Russia; em D. Fernando acham-se as consequencias d'essa irresponsabilidade, que produziram a revolução popular de

Lisboa, e a entrada do terceiro estado na constituição politica sob D. João I. O povo que soffreu as invasões castelhanas provocadas pelos desvarios de D. Fernando, que chegou a estar cercado em Santarem, atacou-o nos seus amores dissolutos em um *Rifam de escarnho*, que Fernão Lopes traz na sua *Chronica*:

Exvollo vai exvollo vem,
De Lisboa para Santarem.

O Anechim historico conservou-se tão profundamente na tradição oral que o achamos em duas variantes:

Tolo vai,
Tolo vem,
De Lisboa
A Santarem.

E esta outra applicada às luctas constitucionaes de 1832:

D. Pedro vai,
D. Pedro vem,
Mas não entra
Em Santarem.

Fazer fósquinhas

Differentes elementos mythicos se encontram nos emblemas e symbolos hieraticos da procissão do Corpo de Deus;taes são os *Cavallinhos fuscos* ordenados no Regimento de 1482: «Os trapeiros que são os mercadores de pano de linho, e os merceiros todos com suas tochas accesas, e castellos de estanho: e levarão sua bandeira e atabaque, e dois *cavallinhos fuscos*. (*Annaes das Sciencias e das lettras*, t. I, pag. 731). No Regimento do Camara de Coimbra para a Procissão de Corpus Christi, de 1517, «os cordoeiros, albardeiros, odreiros e tintureiros levam quatro *cavallinhos fuscos* bem feitos e bem pintados». E no Regimento da Camara do Porto para a mesma procissão em 1621, os celeiros, esteireiros e cor-

reiros irão *com os cavallinhos* e Anjo ornado no meio. (Ap. J. Pedro Ribeiro *Diss. chronol.* t. IV. p II, p. 201 e 226). O emblema dos cavallinhos fuscos não pertencia a uma classe especial. D. Francisco Manuel de Mello refere-se a este costume, que se tornava divertimento popular: «Sempre está no cavallinho da alegria, mas vigie-se dos *cavallinhos fuscos*... Onde enterra o senhor os que mata? Entre as unhas em «valle de *cavallinhos*. (*Feira dos Anexins*, p. 160 e 161). Evidentemente estas phrases, ainda populares, referem-se à superstição mythica e germanica do cavallo: «Os Germanos, como os seus passados Getas e Scithas, tiravam prognosticos do relincho dos cavallos. A cidade (*gavi*, em germ.) sustentava nos bosques e florestas *calvallos brancos* consagrados ao Sol, livres de todo o trabalho profano. Prendiam-se ao carro sagrado, e o ministro, rei ou chefe da cidade seguia-os para observar os seus rinchos». (*Bergmann, Les Getes*, p. 301). Em Lisboa o rei vai oficialmente na procissão de Corpus Christi. Gil Vicente, no *Auto das Fadas*, cita o *val de cavallinhos*, como um logar magico; «Cavalgo no meu cabrão—e vou a val de Cavallinhos...» Na Lenda semi-historica, S. Jorge apparecia nas batalhas montado em um *calvallo branco*, (1) no qual hade tambem vir da Ilha encantada o rei D. Sebastião. Na linguagem popular ainda hoje se diz *fazer fosquinhas*, no sentido de tergeitos, saltos, tal como descreve Du Meril, fallando da «imitação do cavallo com as suas differentes poções, vivacidades, caracoleios e relinchos». No *Hyssope* de Diniz, haja a referencia a um divertimento vulgar:

(1) E nas procissões do Corpus Christi é branco tambem o cavallo em que o santo yae montado.

E por dar mais prazer aos convidados, De *cavallinhos fuscos*, depois d'ella Na vaga sala, com soberba pompa O galante espectaeulo prepara.

Em Aveiro sem sapatos

O sr. dr. Mello Freitas, illustrado redactor principal d' *A Epoca*, de Aveiro (uma das folhas periodicas d'este paiz em que mais accentuadamente se revela a comprehensão da feição moderna do jornalismo) diz, n'um esplendido artigo sobre assumptos locais, publicado em o n.º 20 d'esse jornal, correspondente a 17 de junho presente anno: «Urge pensar em arrancarmos o pessimo *macadam* estabelecendo calçadas bem feitas. Algumas calçadas archeologicas que existem na cidade são uma verdadeira tortura inquisitorial que deu origem ao celebre *anexim*—em Aveiro *sem sapatos*».

A folha 100 do vol I da obra do sr. Theophilo Braga, *O Povo Portuguez nos seus Costumes Crenças e Tradições*, lê-se o seguinte:

«A locução «*Ir a Aveiro sem sapatos* refere-se ao costume antigo de aterrar as ruas em Aveiro com cascas de bribigões. O costume ainda se conserva, como vemos por este trecho de um folhetim; «Este anno (1882) uma chuva desabrida ensopou ferozmente os toldos das barracas e empoçou o chão por fórma tão abysmada, que não houve casca de bribigão que bastasse para dessecação dos charcos dos arruamentos.—E' fabuloso: mas um exemplo stentorico do carinho dos edis para os pês dos municipales e ao mesmo tempo um documento do humano poder inventivo e da variedade das applicações do bribigão. Denunciar esta maravilha do genio do homem é vulgarisar uma nova utilidade ao *lamellibranchio*. (O Povo da Guarda, n.º 26). Como esta locução traz D. Francisco Manuel de Mello uma analogia: *Ir a Setubal e não comer vesugo*.